Dia 17 — A Impressão das Chagas de São Francisco

Martirológio Romano

A memória da impressão das sagradas chagas que, no monte Alverne, na Toscana, por especial graça de Deus foram impressas nas mãos, pés e lado de São Francisco, fundador da Ordem dos Menores. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

O martírio de São Justino, presbítero e mártir, em Roma, na via Tiburtina; o qual, na perseguição de Valeriano e Galieno, foi esclarecido pela glória de sua confissão: este Santo sepultou os corpos dos santos Sisto, papa, Lourenço, Hipólito e outros muitos; e finalmente, no tempo de Cláudio, alcançou a coroa do martírio.

Os santos mártires Narciso e Crescenciano, também em Roma.

Santa Ariadna, mártir, na Frígia, no tempo do imperador Adriano.

Os santos mártires Sócrates e Estêvão, na Inglaterra.

Os santos mártires Valeriano, Macrino e Gordiano, com outros.

São Florêncio, menino, em Autun; o qual, no tempo do imperador Antonino, sendo presidente Valeriano, depois de padecer muitos tormentos, feito em pedaços pelas feras, alcançou a coroa do martírio.

São Lamberto, bispo de Maastricht, em Liège; o qual, como por zelo da Religião repreendesse os da corte do rei, sendo inocente o mataram os culpados, e passou ao reino celestial a viver perpetuamente. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

São Pedro de Arbués, em Saragoça, na Espanha, primeiro inquisidor da fé no reino de Aragão; o qual, sendo cruelmente assassinado pelos judeus relapsos em ódio da fé católica, que defendia valorosamente por cumprir com seu ofício, alcançou a palma do martírio. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

Santa Agnoclia, escrava de uma mulher infiel, no mesmo dia; a qual foi largo tempo castigada por sua ama com açoites e com outros tormentos para que negasse a Cristo; finalmente levada

perante um juiz, castigaram-na com maior crueldade; e, como permanecesse firme na confissão da fé, depois de lhe haverem cortado a língua, lançaram-na ao fogo.

Santa Columba, virgem e mártir, em Córdova. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

A ditosa morte de São Sátiro, confessor, em Milão; de cujos esclarecidos méritos faz memória seu irmão Santo Ambrósio.

Santa Teodora, senhora muito ilustre, em Roma; a qual, na perseguição de Diocleciano, servia com toda solicitude aos santos Mártires.

Santa Hildegarda, virgem, em Bingen, na diocese de Mogúncia. (São Bernardo declarou que esta Santa se achava dotada do espírito profético, e foi célebre em seu tempo em todo o orbe cristão, segundo se depreende das várias obras religiosas que escreveu, sendo muito digna de notar entre elas uma admirável Coleção de cartas, a maior parte dirigidas às pessoas mais qualificadas da Igreja e do Estado que lhe pediam seus conselhos. Era abadessa de um mosteiro na diocese de Mogúncia, o último que fundou, quando voou ao Senhor no ano 1179, aos oitenta e dois de sua idade.)

A Milagrosa Impressão das Chagas de São Francisco

Admirável é Deus em todos os seus Santos; mas, com tudo isso, há alguns a quem distinguiu com tão especiais favores que parece que o fazem mais admirável as singulares maravilhas que obrou neles. Neste número se deve contar o grande São Francisco de Assis. Foi sua vida uma continuada série de favores tão assinalados e de sucessos tão maravilhosos que igualmente acreditaram as grandes misericórdias do Senhor e a eminente santidade daquele homem verdadeiramente extraordinário. Mas o milagroso sucesso cuja memória quis consagrar a Igreja com festa particular neste dia foi sem dúvida dos mais sobressalientes. Apenas faremos mais que trasladar quase palavra por palavra o que nos deixou escrito São Boaventura.

No ano de 1224 renunciou São Francisco o generalato em mãos do bem-aventurado Fr. Pedro de Cattani; e, havendo mostrado ao mundo o poder de Deus em muitas ocasiões, tanto com seus sermões como com seus milagres, retirou-se ao monte Alverne para passar nele sua quaresma de São Miguel; isto é, para entregar-se à solidão e ao jejum por espaço de quarenta dias, desde a Assunção da Virgem até o último de setembro. Está situado este monte nos confins da Toscana e é uma parte do Apenino que pertencia a um senhor do país chamado Orlando Cattani, e no ano de 1213 foi concedido a São Francisco, fabricando-se nele uma igreja pequena para o Santo e algumas celas para seus frades. Retirado, pois, o santo Patriarca ao dito monte, e achando-se um dia no mais fervoroso de sua oração, sentiu forte inspiração de abrir o livro do Evangelho, persuadido de que havia de encontrar nele o que Deus queria que fizesse. Prosseguiu um rato em

sua oração e, tomando depois o livro do altar, mandou a Fr. Leão que o abrisse. Era Fr. Leão o único companheiro que havia levado consigo à solidão. Abriu-o três vezes, e em todas saiu a paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, pelo que entendeu São Francisco que o que Deus queria dele era que cada dia se fizesse mais semelhante a Cristo crucificado, aumentando o rigor da mortificação e da penitência.

Uma manhã, pela festa da Exaltação da santa Cruz, que é o dia 14 de setembro, achando-se em oração, sentiu-se tão abrasado em incêndios do amor divino e com tão inflamados desejos de ser semelhante a Cristo crucificado que não lhe pareciam bastantes para satisfazê-lo todas as penitências do mundo, nem sequer o martírio mesmo, quando de repente viu descer do mais alto do céu um Serafim que, em rapidíssimo voo, vinha como a disparar-se sobre ele. Tinha seis asas acesas e resplandecentes; duas se elevavam sobre a cabeça, outras duas estendidas como em ademã de voar e as outras duas cobriam todo o seu corpo. Mas o mais portentoso era que o Serafim parecia estar crucificado, tendo os pés e as mãos cravados numa cruz. Cada um poderá imaginar quanta seria a admiração e o pasmo; que afetos de amor, de gozo e de compunção excitaria no coração de nosso Santo a vista daquele prodígio. Compreendeu então, diz São Boaventura, que sua transformação em imagem de Cristo crucificado não havia de ser pelo martírio corporal, mas pela inflamação do espírito e pelo abrasado acendimento do divino amor. Durou algum tempo a visão; e, havendo desaparecido, deixou em seu coração uma impressão maravilhosa e, ao mesmo tempo, outra mais portentosa em seu corpo; porque imediatamente se começaram a manifestar em suas mãos e em seus pés os sinais dos cravos, nem mais nem menos como os havia visto na imagem do Serafim crucificado; isto é, as mãos e os pés pareciam haver sido cravados pelo meio, descobrindo-se as cabeças dos cravos na parte interior das mãos e na exterior ou superior dos pés, e as pontas rebitadas à parte oposta destes e daquelas. No lado direito manifestava-se uma cicatriz vermelha como de ferida de lança, saindo dela muitas vezes tanta abundância de sangue que se umedeciam a túnica e os panos interiores. E estas são aquelas cicatrizes que desde então se começaram a chamar as *Chagas.*

Achou-se em grande aflição o humilde Santo, vendo por uma parte que não era possível ocultar por largo tempo a seus mais familiares companheiros estes visíveis e maravilhosos sinais da particular bondade do Senhor e temendo por outra publicar seus segredos. Chamou, pois, alguns frades dos que tinha por mais espirituais e, propondo-lhes a dificuldade em termos gerais, pediu-lhes conselho. Um deles, muito versado nos caminhos de Deus, fazendo juízo pelo ar e pelas palavras de São Francisco que havia visto alguma maravilha e que por humildade a queria ocultar, disse-lhe: «Irmão, sabe que Deus não te descobre algumas vezes seus segredos para ti só, mas também para os demais; por isso deves temer que algum dia sejas repreendido por haver enterrado e escondido o talento.» Movido São Francisco destas palavras, rendeu-se ao parecer de seus frades e contou-lhes ingenuamente tudo o que havia visto, acrescentando que o que se lhe apareceu lhe havia descoberto coisas que nunca revelaria ele a pessoa vivente. A São Boaventura parece que nosso Santo, como outro São Paulo, viu então coisas cheias de mistérios, de que a nenhum homem é lícito falar. Acabados os quarenta dias, desceu do monte como outro Moisés, inflamado o rosto; e, por mais cuidado que pôs em ocultar a todos, até àqueles filhos mais amados e mais familiares seus, os permanentes sinais de tão insigne favor, cuidou o mesmo Senhor de manifestá-los por meio de vários milagres.

Havia-se estendido por toda a província de Rieti uma enfermidade contagiosa entre o gado, da qual morriam muitas reses, tanto ovelhas como vacas, sem acertar-se com o remédio; e, estando dormindo um grande servo de Deus, teve um sonho em que se lhe avisou que fosse à ermida dos frades Menores, onde à sazão se achava São Francisco, e borrifasse todo o gado com a água em que o Santo houvesse lavado suas mãos e seus pés. Logo que amanheceu, o santo varão pôs-se a caminho para a ermida e, pedindo secretamente aquela água, borrifou com ela todas as reses enfermas que estavam estendidas pelo chão. Mal as tocou a primeira gota, levantaram-se vigorosas e correram famintas aos pastos, cessando desta maneira toda a enfermidade. O mesmo São Boaventura refere esta maravilha. Também é fato constante, acrescenta o mesmo Santo, que antes que São Francisco recebesse do céu esta graça especial, todos os anos se levantava ao redor do monte Alverne uma maligna nuvem que, desfazendo-se em granizo, arruinava os frutos e desolava todo o país; mas desde que o Santo recebeu as sagradas chagas não se voltaram a ver aquelas maliciosas nuvens, e toda aquela comarca o reconheceu por milagre.

Apesar do grande cuidado que punha o servo de Deus em ocultar aquelas impressões e sinais de suas sagradas chagas, que o Senhor havia estampado em seu corpo, não pôde impedir que se vissem as das mãos e dos pés, ainda que depois daquele tempo andava sempre calçado e quase sempre tinha cobertas as mãos. Viram as chagas muitos religiosos seus que, sem embargo de serem dignos de toda fé por sua eminente santidade, o asseguraram depois com juramento para tirar o pretexto a toda dúvida. Também as viram mais de uma vez alguns cardeais, amigos particulares do Santo, e muitos as celebraram em verso e em prosa, como o afirma o mesmo São Boaventura; o qual acrescenta que, assistindo a um sermão do papa Alexandre IV, o Papa assegurou publicamente que em vida do Santo havia visto as sagradas chagas com seus mesmos olhos: *Summus etiam pontifex Alexander, cum populo prædicaret, coram multis fratribus affirmavit se, dum Sanctus viveret, stigmata illa sacra suis oculis conspexisse.* Na morte do Santo, mais de cinquenta frades, Santa Clara com todas as suas filhas e uma multidão inumerável de seculares de todas as condições satisfizeram sua piedosa curiosidade, vendo com seus olhos e tocando muito devagar com suas mãos as sagradas chagas impressas no santo corpo, como o diz também o mesmo seráfico Doutor.

Quanto à chaga do lado, a ocultou o Santo com tanto cuidado enquanto viveu que ninguém a pôde ver senão pegando-o de surpresa. Um irmão que o assistia e se chamava Fr. João de Lodi valeu-se para isto de um piedoso artifício, persuadindo o Santo a que tirasse a túnica interior para limpá-la; com cuja ocasião não só viu dita chaga, mas, metendo nela os dedos, causou-lhe uma vivíssima dor. Outros dois religiosos contentaram sua devota curiosidade com semelhante artifício; e, quando faltassem outras provas da certeza deste fato, seria evidente testemunho dele o sangue de que estava tinta a túnica e os panos interiores. Mas, morto o Santo, esta milagrosa chaga também foi vista muito a satisfação por muitas pessoas; de maneira que nas vidas de Santos se encontrarão poucos sucessos mais bem averiguados e comprovados que o das chagas de São Francisco. São Boaventura, que escreveu a vida do Santo trinta ou trinta e cinco anos depois de sua morte, diz que todos os que viram e tocaram estas chagas reconheceram que os cravos se haviam formado milagrosamente da carne, e tão aderentes a ela que, quando os moviam ou os apertavam por um lado, descobriam-se mais pelo oposto à maneira de nervos endurecidos, compostos de uma só peça. Os cravos eram negros como de ferro; mas a chaga do lado se

conservava sempre vermelha e rasgada em figura redonda, como espécie de rosa. Certo cavaleiro chamado Jerônimo, homem de capacidade, de observação e muito acreditado, dificultando o assenso a esta maravilha, examinou-a à presença de muitos com maior indagação que todos os demais: moveu os cravos, tocou com suas próprias mãos os pés, as mãos e o lado do santo corpo, e ficou tão convencido da verdade que depois foi um dos testemunhas e a depôs autenticamente com solene juramento. Mas, quando não fosse bastante este cúmulo de provas e de testemunhas, sê-lo-ia o havê-lo assegurado em suas bulas dois grandes Pontífices e que a Igreja haja estabelecido uma festa particular, que se celebra hoje em todo o mundo cristão, para celebrar a memória desta maravilha.

Santa Columba, Virgem e Mártir

Santa Columba, tão celebrada pela simplicidade e pela pureza com que acreditou o significado do nome de *Pomba*, que se lhe impôs sem dúvida por inspiração divina, como pela heroica fortaleza com que se ofereceu ao martírio, foi natural de Córdova, filha de pais ricos e nobres, cunhada do santo mártir Jeremias e irmã do venerável Martinho, abade do mosteiro Tabanense, e de Isabel, sua fundadora e também abadessa. Criavam-na seus pais com o regalo que o amor, ajudado das riquezas, costuma fazer onde se acham juntos. Punham nela os olhos como na única herdeira de seus bens, aos quais haviam dado de mão os dois filhos Isabel e Martinho, encerrados em seu mosteiro. Columba, desde muito menina, mostrou lindo engenho e juízo e amor a tudo o bom; venerava a santidade de sua irmã, amava sua virtude e com o trato frequente dela acendeu-se em desejos de imitar sua resolução. À companhia de seus pais cerceava todo o tempo que podia para tratar com ela e com as demais religiosas que estavam já recolhidas na cidade enquanto se edificava o mosteiro. Por estes meios ia preparando o Senhor esta serva sua para a coroa que depois alcançou. Disse a sua irmã a grande ânsia que tinha de ver-se fora do século em vida religiosa. A irmã, vendo claro que queria ser monja em seu mosteiro, procurou dar largas a sua determinação. Receava que fossem aqueles desejos fervores indiscretos da idade e, por outra parte, temia também que seus pais tivessem disso pesadume, pois sabia que tinham postos os olhos em Columba para a sucessão de sua casa.

Por muito que isto o levavam oculto as duas irmãs, chegaram os pais a entendê-lo. Receberam disso grande enojo: culpavam a monja e a seu irmão; deram-lhes queixas de que, depois de haver gasto sua fazenda naquela fundação, quisessem agora levar-lhes aquela filha, consolo único de sua velhice. Procuraram desviar Columba daquele pensamento já com rogos, já com queixas de pais, já com lástimas. Sua mãe especialmente fez quanto costumam as mulheres indiscretas em casos tais. Lançou mão do que mais costuma valer na gente moça pouco advertida ou muito ganhosa de liberdade. Mas, vendo que nenhuma reflexão bastava em Columba para persuadi-la, deixando-se levar dos sentimentos que inspiram o sangue e a carne, tratou de casá-la. Afligiu-se muito a casta donzela de ver sua mãe empenhada no que ela tanto aborrecia: dizia-lhe com humildade que não tivesse nisto tanta pressa. Porfiava a mãe como mulher apaixonada; tudo era mirar a quem escolheria. Correndo assim as coisas, a mãe em sua porfia, a filha em sua constância, preveniu o Senhor com inescrutável juízo a negociação da mãe chamando-a para si.

Sentiu Columba a morte de sua mãe e aproveitou-se da liberdade que Deus lhe oferecia para consagrar-lha por esposa. Ajudou com seus bens à conclusão do mosteiro e encerrou-se nele com sua boa irmã cheia de alegria. Mostrou-se desde logo grande em humildade, perfeita em caridade, louvável na conversação, constante na oração, firme na paciência, incansável na misericórdia, mansa, agradável, suavíssima: sua vida inocente tinha enlevadas e edificadas as demais irmãs. Julgava-se e desprezava-se a si mesma; olhava os demais com respeito e amor. Deu-se também à leitura e ao estudo das santas Escrituras; e, comunicando-lhe o Senhor uma luz especial para que entendesse os mistérios mais elevados, serviam-lhe estes conhecimentos de acender mais e mais sua vontade nas chamas do amor divino. Para gozar mais a salvo dos regalos desta celestial sabedoria, buscou novo retiro ainda dentro do mosteiro, alcançando de sua irmã a abadessa que a eximisse de alguns ofícios da comunidade com que às vezes costuma estorvar-se o recolhimento interior. Redobrou ali o rigor de sua penitência; comia pouco e dormia também pouco e sobre uma esteira; alternava a leitura com a oração ou, por melhor dizer, na oração colhia os frutos da leitura; e, anegada na mais alta contemplação das eternas verdades, permanecia em fervorosa oração por espaço de muitas horas, umas prostrada em terra e outras em pé, mantendo-se numa agradável suspensão, com um semblante sereno, sem que se lhe ouvisse o menor suspiro nem gemido; mas com tanta abundância de lágrimas que, correndo-lhe fio a fio pelas faces, chegavam a regar a terra. Saboreava-se frequentemente com aquelas palavras que costumavam dizer os monges antigos: «Abre-me, Senhor, as portas do paraíso, para que eu volte àquela pátria onde não se sabe que é morte e onde o gozo nunca se acaba.» Permitiu o Senhor que fosse combatida com muitas e muito rijas tentações, as quais, com a assistência da divina graça, lhe foram ocasião de novas coroas.

Quando Columba brilhava com o resplendor de tantas virtudes, reinava em Córdova o crudelíssimo Mohamed, de quem tantas vezes temos falado. Havendo sido derrubado por ordem sua o mosteiro Tabanense, retiraram-se as religiosas a uma casa que tinham nos arrabaldes de Córdova, junto à igreja de São Cipriano. Desfazia-se Columba em lágrimas vendo profanados os templos do Senhor e também por achar-se outra vez como submergida no mundo. Quando, pela vizinhança da igreja, ouvia ler aos sacerdotes as atas dos Mártires, cuja louvável costume teve a Igreja nos séculos antigos ao tempo da liturgia, sentia ela em si vivíssimos desejos de ir a Deus pelo martírio. Assegurou-se bem antes de que esta era vocação do Senhor; um dia, saindo ocultamente de sua casa, apresentou-se ao governador da cidade e lhe disse como era cristã e que a lei do Evangelho era a única senda da salvação, fora da qual ninguém chega ao gozo perdurável. Atônito o juiz de ver tão boa razão e discurso em tão linda mulher, levou-a ele mesmo ante o Conselho, ou bem crendo que a intimidaria a autoridade daquele senado, ou bem persuadindo-se de que o respeito dos magistrados a conteria para não falar contra seu profeta com tão generosa liberdade; mas foi tão ao contrário que Columba repetiu ali suas primeiras palavras e a mesma confissão que tinha feita. Os conselheiros mostraram-lhe grande lástima, não menos enamorados da beleza e graciosa compostura da Santa que de sua eloquência: ofereceram-lhe, se renegasse da fé, partidos muito vantajosos segundo o mundo; ameaçavam-na também de que, se não se rendesse, lhe cortariam ali a cabeça. A santa donzela nada amava neste mundo senão os meios para chegar a Jesus Cristo, seu Esposo, e assim lho manifestou valorosamente, dizendo: «Não tem meu Senhor Jesus Cristo esposa tão débil que por bens tão caducos haja de mudar seu propósito, divorciando-se do desposório que tem celebrado com Ele quando recebeu suas arras: quem é mais poderoso que Ele para que queirais persuadir-me a que o deixe por umas riquezas perecedouras? Quem mais

poderoso para que possa agradar-me algum dos filhos dos homens? E que religião há mais santa e mais verdadeira que a sua, confirmada com tantos milagres como se viram em sua comprovação em todos os tempos? Apartai-vos dos embustes que ensinou vosso falso profeta, que submergiu tantas almas no inferno, e abri os olhos à luz do Evangelho, para que sejais filhos dela, crendo em suas infalíveis verdades.»

Os conselheiros, corridos de ver-se ultrajados daquela maneira, desenganados também de que era perdido o tempo e as diligências que empregassem em reduzi-la, mandaram logo decapitá-la diante do palácio. Quis a Santa gratificar o verdugo e deu-lhe em prêmio alguma coisa que Santo Eulógio não escreve qual fosse. Foi o glorioso martírio de Santa Columba em tal dia como hoje no ano 853. Dispôs o Senhor, por uma providência especial, que não usassem os mouros com o venerável corpo de sua amada esposa algumas de suas acostumadas brutalidades, como era arrojar os cadáveres dos Mártires aos cães para que os devorassem, ou ao fogo para que ficassem reduzidos a cinzas, ou cravá-los em paus à vista da cidade: vestido como estava o costuraram num cesto e lançaram-no ao rio Guadalquivir. Seis dias depois uns monges o acharam inteiro e sem corrupção alguma e o levaram a Santo Eulógio, que dispôs que se lhe desse honrosa sepultura na igreja de Santa Eulália, que estava no bairro chamado Fragelas, que Feria conjetura ser o sítio onde agora está (ou estava poucos anos há) o convento de Nossa Senhora das Mercês. D. Antônio Jimena dá a entender que antigamente houve em Martos relíquias de nossa Santa. Talvez as levou o abade Sansão pelos anos 854, em que se retirou a Martos, fugindo da perseguição do bispo de Málaga, Hortigésio, e do conde Servando. Em outubro do ano 1737 levaram dali a Córdova uma relíquia da santa Virgem, a qual se venera na igreja de São Rafael. Hoje se celebra sua festa naquele bispado. A veneração dos espanhóis a Santa Columba tem sido sempre grande.

Não deve confundir-se Santa Columba de Córdova com outra Santa virgem e mártir do mesmo nome, natural da cidade de Sens, na província de Champagne, na França, cuja festa se celebra no dia 31 de dezembro; Ambrósio de Morales prova com poderosíssimos fundamentos que a deste dia padeceu gloriosamente em Córdova, o que se demonstrou com toda a clareza depois que se descobriram as obras de Santo Eulógio, de cujos escritos se tiraram as lições do ofício eclesiástico da Santa, que, aprovadas pelo papa Clemente VIII, se inseriram no Breviário da igreja de Córdova.

São Pedro de Arbués, Mártir

O glorioso martírio deste Santo reúne em si duas qualidades de suma complacência e consolo para os que têm a dita de professar a religião cristã e o suficiente talento para meditar as vantagens que lhe resultam de semelhante ventura. Entre as provas que quis Deus dar da autenticidade e santidade do Evangelho, não é das menores, em força e persuasão, a de tantos mártires que testificaram com seu sangue que a religião por que morriam tinha todos os caracteres de verdadeira e divina. O amor que cada um tem à sua própria existência faz conceber que só um motivo sobrenatural foi o que pôde mover os Mártires a dar gostosos sua vida em defesa das verdades que lhes haviam ensinado. Assim se autorizou nos princípios uma religião que combate diretamente todos os ditames da carne e do sangue, e assim reciprocamente foi exaltado o mérito daqueles que a autorizavam. A mesma conduta observou nosso Deus com os defensores da

Religião e de sua imaculada pureza que praticou nos princípios com seus primeiros mestres e promulgadores. Quis que o martírio autorizasse o ofício sagrado de inquisidor e, ao mesmo tempo, que este santo emprego fosse matéria para a sublime graça do martírio. Tudo se verificou em São Pedro de Arbués, cuja vida é a seguinte:

Pelos anos do Senhor de 1442, pouco mais ou menos, foi o nascimento feliz de Pedro, para ilustre ornamento de sua esclarecida família e glória imortal da Inquisição da Espanha. Épila, povoação não muito distante da cidade de Saragoça, no reino de Aragão, teve a glória de ser a pátria deste portento de santidade e coluna da fé. Seus pais, Antônio Arbués e Sancha Ruiz, eram de uma das mais ilustres famílias do reino de Aragão, como que estavam aparentados com os condes de Aranda e com outras casas de não inferior hierarquia. Mas a nobreza do sangue merecia para com eles menos estima que o timbre da piedade cristã que testificavam com suas obras. Por esta causa os primeiros esmeros de seu cuidado em ordem a seu filho empregaram-se em sugerir-lhe as mais sólidas e sublimes ideias da santa Religião que havia professado no Batismo. Logo que Pedro foi capaz de receber maiores instruções, entregaram-no ao cuidado de mestres hábeis e virtuosos que formassem seu coração, não só com as máximas que ditava a honra e eram próprias do esplendor de sua nobreza, mas também ensinando-lhe o santo temor de Deus, que é o princípio da verdadeira sabedoria. Estavam os mestres em sua casa; e, portanto, o cuidado que estes punham na educação de Pedro se acrescentava com a vigilância de seus pais, os quais procuraram, antes de tudo, cimentar em seu coração um ardentíssimo amor a Jesus Cristo crucificado e uma inclinação às coisas devotas e sagradas. O menino Pedro era a matéria mais bem disposta para receber as saudáveis impressões de tão santa educação. Seu natural era dócil, sua alma boa, seu entendimento desembaraçado, sua vontade pronta a obedecer às mais mínimas insinuações e, por uma constituição ditosa com que o havia enriquecido o céu, aborrecia naturalmente quanto tinha aparências de relaxamento ou de vício. Estas prendas amáveis o fizeram de um candor de costumes tão apreciáveis e de um modo de proceder tão racional e judicioso que, sendo ainda menino, era respeitado como um ancião. O Santo sabia granjear este conceito porque todo o tempo que lhe deixava livre o estudo da gramática e letras humanas o empregava gostoso já em rezas devotas, já em assistir aos templos a recrear sua inocente alma na celebração dos mistérios sagrados.

Instruído perfeitamente na latinidade e imbuído nas máximas da Religião e adornado daquelas brilhantes prendas que dão tanto realce à nobreza do sangue, sendo já de idade competente para os estudos maiores, determinaram seus pais enviá-lo à Itália para que empreendesse seu estudo. Estavam persuadidos de que a educação dos filhos não sai perfeita quando estes se criam com encolhimento e sem outros conhecimentos do mundo que os que podem adquirir na casa paterna. O cuidado com que desde os primeiros anos haviam plantado as sacrossantas verdades da fé, as máximas de piedade cristã e os sentimentos de honra lhes dava suficiente segurança de que em qualquer parte que se estabelecesse seu filho jamais chegaria a desmentir a nobre educação que seus pais lhe haviam dado. Com esta confiança, sabendo que em Bolonha floresciam as letras e eram ensinadas pelos mais hábeis mestres que então tinha a Europa, não tiveram dificuldade em enviar para lá seu filho, como com efeito o executaram. A liberdade que com este motivo conseguiu Pedro, vendo-se inteiramente apartado da vista de seus pais e dono absoluto de todas as suas ações, não a empregou como outros jovens em diversões próprias da idade nem em dissipar seu espírito com o relaxamento e a vadiagem: aplicou-se ao estudo com atividade tão

assombrosa que em breve tempo mereceu por seus progressos ser a glória de seus mestres, a admiração de seus condiscípulos e o jovem mais celebrado de toda a cidade de Bolonha. É verdade que estes admiráveis efeitos se deviam não menos à aplicação com que estudava a filosofia que à integridade de seus costumes. Sem embargo de ser aquela ciência, segundo então se estudava, muito exposta a perder a tranquilidade da alma por suas renhidas disputas, sempre viam em Pedro tal moderação em seus argumentos e tal serenidade em seu semblante que, ao passo que se viam precisados a confessar a viveza de seu engenho, lhes causava não menos admiração a paz constante que reinava em sua alma e a doce harmonia que conservava com todos. Feito dono dos conhecimentos filosóficos, recebeu a láurea de mestre com incrível aplauso, sem que este novo grau servisse para inchar seu coração com a soberba, mas antes para formar dele um meio com que exercitar-se na humildade cristã. Havia fundado em Bolonha Egídio Albornoz, arcebispo de Toledo e cardeal da santa igreja de Roma, um insigne colégio, no qual estabeleceu duas vagas para estudantes aragoneses, e, havendo vagado uma delas, entrou a seu gozo no ano de 1468. Já anteriormente havia começado o Santo a estudar a teologia; e, como nesta ciência encontrava conhecimentos mais análogos às piedosas disposições de seu coração, havia feito nela maravilhosos progressos. Aumentaram-se estes notavelmente, já com as sábias disposições e estatutos que prescrevia o colégio para os exercícios literários, já também com o trato contínuo com os doutos colegiais. Cinco anos esteve o Santo no colégio, em cujo tempo encheu sua alma dos mais sublimes conhecimentos da sagrada teologia. O estudo das santas Escrituras era o objeto principal a que se dirigiam suas miras; porque nelas encontrava umas palavras de vida que, ao mesmo tempo que ilustram o entendimento com suas luzes, inflamam a vontade com celestiais verdades. Ao mesmo tempo que Pedro se ocupava em estudar a teologia, não esquecia que a principal ciência do cristão é o amor e temor santo de Deus e o exercício das virtudes para a santificação de sua alma. Seu esmero nisto era tal que lhe adquiriu fama de virtuoso, tanto em seu colégio como em toda a cidade. O testemunho que deu disso a universidade ao tempo de registrar em seus livros o grau de doutor que recebeu no dia 17 de dezembro de 1473 é uma prova de que nas almas dos bolonheses haviam feito mais impressão as grandes virtudes de nosso Santo que seus grandes adiantamentos na ciência da teologia. «Os multiplicados dons de virtudes, diz o livro, com que o Altíssimo engrandeceu a pessoa do mestre em artes e filosofia Pedro de Arbués, etc.» Esta expressão recomenda sumamente o mérito de São Pedro, não tanto pela multiplicidade de suas palavras como por havê-la usado somente na anotação de seu grau.

Entretanto a fama de suas heroicas virtudes não se limitava a Bolonha, mas cundia pela Espanha, estendendo-se por toda a Península não somente a extensão e solidez de sua sabedoria, mas o suavíssimo odor de seus santos costumes. Desejaram, portanto, os cônegos da santa igreja metropolitana de São Salvador de Saragoça tê-lo no número de seus indivíduos, e assim o elegeram para uma prebenda no dia 30 de setembro do ano de 1474. Era à sazão aquele cabido composto de cônegos regulares da Ordem de Santo Agostinho, e presidia naquela sede João de Aragão, filho do rei João II. Esta eleição adaptou-se muito aos pensamentos desinteressados e teor de santa vida que tinha Pedro, pois na profissão de uma regra tão santa como a de Santo Agostinho se prognosticavam muitas medras para sua alma. Aceitou o Santo a eleição; e, havendo tomado o hábito de cônego regular, de tal maneira manifestou quão acertada havia sido com seus santos exemplos que, passado o tempo da provação, fez profissão solene em mãos do Dr. Miguel Ferrer, prior daquela santa igreja, no ano de 1476. Neste novo estado considerou-se o Santo como num porto seguro, que o libertava das borrascas do mundo e lhe proporcionava meios certos de

arribar algum dia à pátria celestial, aonde se dirigiam todos os seus anelos. Os santos exercícios em que até então se havia ocupado por um particular gênio de sua alma, considerava-os já como obrigações de um estado perfeito. Afligia seu corpo com jejuns contínuos, maceração e disciplinas que o sujeitavam à razão. A fervorosa contemplação das grandezas de Deus e dos soberanos mistérios de nossa redenção era o alimento com que sua alma se recreava, adquirindo de dia em dia novos graus de perfeição. Todas as suas ações se apresentavam como um espelho da vida evangélica, e nelas encontrava o tíbio repreensão e novos estímulos o fervoroso. Sua fé era viva, firme e, ao mesmo tempo, fecunda de santas obras. Os conhecimentos que havia adquirido das verdades reveladas, longe de cevar uma curiosidade vã e criminosa, serviam-lhe de cimentar em sua alma a fé livre dos enganos da superstição. Daqui nascia uma esperança firme na divina misericórdia, na qual, e não em seus próprios méritos, confiava que lhe havia de conceder as eternas promessas. Por isso desprezava com generosidade todos os bens temporais, julgando-os por desprezível lixo em comparação de ganhar a Jesus Cristo. Nenhum trabalho, por penoso que fosse, lhe era duro de levar; com igual ânimo sofria as enfermidades e perseguições, dando força a seu espírito a grande virtude da esperança. Mas no que mais sobressaiu este grande varão foi no que devia sobressair, isto é, na caridade, que é a rainha das virtudes. Amava a Deus com tanta ternura que não achava repouso em coisa nenhuma criada, mas somente no que pertencia à honra do Criador de todas elas. Orava frequentemente, e era tal o amor que tinha a Jesus Cristo e quanto se engolfava na contemplação de suas divinas obras que as coisas do mundo apenas lhe mereciam a mais leve atenção. Só se lembrava dele para atender ao socorro de seus próximos. Os pobres e necessitados encontravam em Pedro um pai benéfico e um amigo fiel, que os consolava em suas aflições e os socorria em suas necessidades. Mas as que mais cuidado lhe custavam eram as espirituais; e assim não omitia diligência alguma para tirar do estado do pecado os que via mal entretidos, enchendo nisto todos os ofícios de um verdadeiro cristão e todas as obrigações de um digno sacerdote. Na observância regular era exatíssimo, sendo o primeiro em todas as observâncias, por mínimas que fossem, e excitando com sua pontualidade a desídia ou indiferença dos que eram menos fervorosos.

Desejava Pedro desfrutar a salvo e tranquilamente do sossego de que então gozava para empregar-se sem reserva, apartado dos olhos dos homens, em todo gênero de virtudes. Mas estas, em certa maneira, o traíram; pois, não podendo ocultar-se pelo brilhante resplendor que despediam, fizeram tão grande sua fama que chegou aos ouvidos dos Reis católicos, os quais desde logo o destinaram para um dos empregos em que mais se interessava a religião de Jesus Cristo. Empregavam à sazão seus esmeros estes piedosos reis em arrancar da Espanha a seita dos maometanos, que a haviam inundado, e a perfídia dos judeus, que a tinham sojugada por meio do comércio. Todas as pessoas piedosas olhavam com sumo pesar a Religião prostituída por aqueles sacrílegos; pois constava que recebiam o Batismo para cumprir exteriormente com as leis civis, permanecendo obstinadamente na profissão de seus ritos respectivos. Para precaver tão grandes males, os Reis solicitaram de Sisto IV e depois de Inocêncio VIII, sumos pontífices, que se erigisse na Espanha o santo tribunal da Inquisição, por cujo meio se atalhasse a perfídia daqueles rebeldes e se constituísse os Cristãos num estado de segurança contra suas insídias. Solicitude tão justa teve logo todo o efeito desejado. Nomeou-se por inquisidor geral o Rev. Pe. Fr. Tomás de Torquemada, varão de todas as prendas que requeria tão grande emprego. Mas se necessitavam outros muitos varões virtuosos que tivessem o zelo necessário para descobrir os réus contra a Religião e uma invencível fortaleza para aplicar-lhes o devido castigo, sem ter medo nem à sua

multidão nem a suas riquezas. Desde logo puseram os olhos em São Pedro de Arbués, cuja fama o acreditava por um dos sujeitos sensatos que então tinha a Espanha. Feita nele a eleição, fizeram-lhe saber quão do agrado de Deus e dos Reis seria que tomasse sobre si o cargo de inquisidor do reino de Aragão e quanto benefício resultaria à Igreja dos ofícios que neste emprego se prometiam de sua vigilância e retidão. O que para um ambicioso teria sido de suma complacência pelo extenso campo que se lhe oferecia de exercer sua autoridade foi para Pedro motivo de lágrimas e de uma profunda consternação. A verdadeira virtude sempre está acompanhada de uma grande desconfiança das próprias forças. Ao passo que brilhavam em Pedro todas as virtudes que requeria um emprego tão augusto e que quantos o conheciam estavam bem persuadidos desta verdade, o humildíssimo Santo tinha formado de si mesmo tão baixo conceito que se reputava por absolutamente inepto para o ofício de Inquisidor. Sua humildade verdadeira não achava em sua pessoa nem a ciência necessária para julgar nas árduas matérias que pertenciam à fé nem as indispensáveis virtudes para pôr em execução suas sentenças e juízos. Escusou-se quanto pôde com os Reis; fez humildes representações de sua insuficiência, solicitando que o relevassem de um cargo em que periclitava a salvação de sua alma; mas os prudentes Monarcas, que tinham antecipadamente notícias muito seguras de sua grande suficiência e que sabiam, além disso, que tanto é um sujeito mais digno para um emprego quanto mais se manifesta isento do vício da ambição, empenharam-se em que fosse inquisidor nosso Santo, que teve que ceder a tão soberanos empenhos.

Se nos estados anteriores de sua preciosa vida havia manifestado ser um vivo dechado de todas as virtudes, muito mais o deu a conhecer no ofício de inquisidor. Sem afrouxar um ponto no exercício das virtudes privadas em que antes resplandecia com tão luzentes brilhos, começou este grande varão a exercer todas aquelas que eram necessárias para o desempenho de um cargo sumamente delicado pelas matérias que trata e perigoso nas circunstâncias daqueles tempos. Era prudentíssimo ao tempo de ouvir as delações, suspendendo seu juízo até que as provas acreditassem de réus ou suspeitos os sujeitos delatados. Conhecia que a perversidade humana chega até o ponto de prostituir a santa Religião aos privados interesses e fazer vítimas da vingança ou do ressentimento as condutas mais inocentes e as honras mais tersas e puras. Examinava, velava e inquiria com a maior escrupulosidade todos os fatos e circunstâncias dos delitos até que se deixava ver a verdade em todo o seu esplendor. Então colocava a justiça no meio do tribunal, e ela era a que ditava suas decisões. Jamais pôde contrastar sua inteireza nenhum de tantos meios como emprega o poder e a astúcia, ou para paliar os crimes, ou para livrá-los do devido castigo. Sua alma se mostrava igualmente inflexível às lágrimas dos abatidos que às ameaças dos soberbos e poderosos. A lei era para ele uma deidade que devia respeitar-se em todas as circunstâncias, fazendo-lhe sacrifício dos naturais movimentos do coração. Por esta causa, logo que se chegava a provar completamente o delito, dava e fazia executar a sentença sem que as lágrimas dos que haviam de padecer o último suplício fossem bastantes a abrandar sua severidade, nem a desolação que resultava nas famílias pudesse jamais fazê-lo ser injusto. Com a mesma inteireza ouvia as súplicas e empenhos dos poderosos e escutava as ameaças que tocavam a sua própria vida. Fiel dispensador da lei, prudente em todas as inquisições e diligências prévias à substanciação das causas, forte e invencível nas resoluções justas, nunca perdia de vista a honra e glória de Deus, a pureza da Religião santa, a extirpação dos erros, o escarmento dos contumazes e rebeldes e que se conservasse pura, formosa, sem ruga nem mancha a Esposa de Jesus Cristo.

Este zelo e inteireza de nosso Santo produziu alguns castigos, principalmente de judeus ricos, que, abusando da liberdade de um batismo simulado, cometiam todo gênero de abominações. Imediatamente começaram a tremer aqueles a quem suas consciências acusavam de iguais delitos, e o temor os fez adotar todos os meios de destruir em seus princípios um tribunal santo que os ameaçava com sua ruína. Juntaram-se em concílio muitos hebreus e, sacrificando grande soma de dinheiro, enviaram a Córdova seus procuradores para que apresentassem aos Reis iníquos informes que havia forjado sua malícia. Neles se continha que o novo tribunal procedia com um rigor desmedido; que cometia atentados contra as pessoas e famílias; que privava o reino de muitos vassalos úteis e laboriosos; e, finalmente, que o novo estabelecimento era capaz de produzir alvoroços e um transtorno e subversão universal nos católicos domínios. Mas os Reis, que se prezavam mais do título de Católicos que lhes havia concedido a Sé apostólica por prêmio devido à ereção do santo Tribunal que do de conquistadores que haviam conseguido pelo valor de suas armas, desprezaram semelhantes pretensões, bem persuadidos de que as leis nem a justiça nunca foram da aceitação dos delinquentes. Esta resolução deu novo vigor ao Tribunal e empenhou mais vigorosamente os inquisidores no cumprimento de suas funções respectivas. São Pedro prosseguiu com maior atividade o descobrimento dos que estavam manchados de judaísmo ou maometismo e a executar neles a devida justiça. Havia morrido nos últimos de janeiro do ano de 1485 Fr. Gaspar Inglário, dominicano, que exercia o ofício de inquisidor juntamente com São Pedro. Sua morte havia feito recair neste todo o trabalho e funções do Tribunal e, ao mesmo tempo, o havia carregado de toda a odiosidade que aquele exercício trazia consigo para com os inimigos da Religião. Juntando-se estes em privados conventículos, trataram os meios de tirar de sobre si a carga de um tribunal que seus delitos e malignidade lhes fazia intolerável. Os conselhos dos malignos e perversos sempre juntam com a circunstância de injustos a qualidade de cruéis. Pensaram que, tirando a vida a São Pedro, dariam por terra com a existência do Tribunal e se libertariam dos horrorosos suplícios com que diariamente os ameaçava, persuadindo-se neciamente de que a existência do Tribunal consistia em sua vida e de que a religião católica careceria de espíritos esforçados que ousassem verter seu sangue em defesa da fé. Este horroroso conselho foi aprovado e confirmado em várias juntas, e só lhes faltava um assassino que o pusesse em execução. Tudo o facilita aquele metal encantador a que sacrificam os homens seu sossego e com que compram suas delícias e seus delitos. Havia um homem facínora, chamado João de Labadia, acostumado a manchar suas mãos com sangue humano nos frequentes homicídios que havia cometido. Os judeus ofereceram a este perverso uma quantidade considerável de ouro com condição de que tirasse a vida violentamente ao santo inquisidor Pedro de Arbués.

Uma proposição tão sanguinária e exposta às mais funestas consequências contra sua própria vida teria intimidado o homem mais temerário; mas neste perverso dissiparam-se os temores com a força do interesse, cooperando um amargo ressentimento de que tinha possuído seu coração. Havia pouco que o santo Tribunal havia feito um exemplar castigo numa irmã sua, ré de delitos atrozes e vergonhosos, condenando-a ao último suplício, que sofreu com horror e espanto dos que se sentiam cúmplices em sua consciência. Desejava vingar a morte de sua irmã, que ele tinha por injusta; e, apresentando-se-lhe a ocasião a satisfação de seus desejos, vestida dos atrativos do interesse, não teve dificuldade em encarregar-se do assassinato projetado; e daí em diante buscava ocasião oportuna de verificá-lo. Não puderam os judeus fazer estas determinações tão secretas que não se traslucissem de alguma maneira. Sabedores delas alguns amigos de São Pedro, que conheciam quanto importava sua vida à Religião e o iminente risco em que estava,

foram ao Santo, deram-lhe conta de tudo e intentaram persuadi-lo a que cuidasse mais de si mesmo. Propuseram-lhe para isto que mitigasse algum tanto o zelo com que fazia inquisição dos rebeldes e a severidade com que executava neles todo o rigor da justiça; advertindo-lhe que, se não o fazia assim, ameaçava muito logo e sangrento fim a sua vida. Num peito menos fortalecido da virtude que o de nosso Santo teriam feito impressão uns avisos que tanto interessavam à conservação de sua vida; mas esta era matéria muito desprezível na consideração de Pedro a respeito de exercer seu ministério com todo o vigor e severidade. Prosseguiu fazendo pesquisas e castigos como antes e aos amigos que o amoestaram de seu perigo respondeu com muita serenidade: que se cuidava muito pouco de quantas maquinações pudesse intentar a perfídia dos apóstatas contra sua vida; que nada tinha mais impresso no coração que a honra de Deus e a pureza da doutrina da Igreja. E que, se por último Deus lhe fazia tanta misericórdia que houvesse de ser a vítima que se sacrificasse ao ódio dos infiéis em defesa da fé, suplicava a seu Senhor Jesus Cristo que de um mau sacerdote que era se dignasse fazer-lhe um bom mártir, que era o que ele desejava.

As obras confirmaram esta resposta digna da fortaleza de um peito cristão, porque daí em diante se ocupava com mais atividade nas funções de seu ofício e só pedia a Deus que abrisse os olhos aos que maquinavam contra sua vida, fazendo-lhes conhecer as verdades adoráveis da religião cristã. Ainda que se havia resignado perfeitamente nas mãos de Deus, em cuja confiança prosseguia na severa execução de castigar os apóstatas, seu coração não deixava de anunciar-lhe que estava seu fim muito próximo. Dispôs-se com orações fervorosas, dobrados jejuns e penitências a esperar o termo de sua vida e com uma fortaleza invencível exercia sem medo nem temor os ofícios de inquisidor. O perverso João de Labadia, encarregado de assassinar São Pedro, para assegurar melhor o golpe, repartiu a execução de seu encargo e a soma de ouro que havia recebido por preço de seu delito com outros dois facínoras como ele, chamados João Esperandéu e Vidal Durán. Estes iníquos homens, despeitados e resolvidos a pôr em execução sua maldade execrável, buscavam com ânsia lugar e ocasião oportuna para verificá-la. A mesma virtude de Pedro lha apresentou muito cômoda, pois, tendo precisão por seu emprego de viver separado dos demais cônegos que habitavam perto da igreja, costumava conduzir-se a ela em várias horas do dia para adorar o santíssimo Sacramento e dirigir-lhe suas fervorosas orações. Consumia nisto todo o tempo que lhe deixavam livre os precisos negócios de seu ofício; de maneira que, apesar destes, era um dos cônegos mais assistentes ao coro, tanto de dia como de noite. Advertiram-no os assassinos, e que não havia noite, por tempestuosa que fosse, que não deixasse de ir cantar matinas na igreja: e assim elegeram esta hora para verificar seu atentado. O dia 14 de setembro, à noite, do ano de 1485 foi o eleito para satisfazer a fúria judaica. Nesta noite introduziram-se os assassinos sem ser vistos de ninguém na igreja maior e esconderam-se em lugares oportunos. Pouco depois chegou o Santo adornado com as sagradas vestes com que os cônegos assistem ao coro e, antes de entrar nele, foi pôr-se de joelhos diante do altar-mor, fazendo breve oração ao santíssimo Sacramento. Mal havia começado a invocar o favor divino, dobrados os joelhos, levantados os olhos ao céu, quando saíram de seus esconderijos os judeus malvados e, acometendo o Santo, primeiro Durán e Esperandéu depois, deram-lhe tantos golpes e feridas com as espadas que o deixaram por morto. Ao tempo de executar este delito tão atroz estava o Santo pronunciando aquelas palavras da salutação angélica: «Bendita és tu entre as mulheres, bendito o fruto de teu ventre Jesus»; e no coro cantavam aquele versículo do invitatório: *Quadraginta annis*, etc., em que repreende a Igreja diariamente a pertinácia judaica. Ao tempo de cair em terra, ferido

mortalmente, cuidando menos de sua própria vida que do benefício espiritual que lhe havia feito a divina misericórdia, prorrompeu nestas palavras: «Louvado seja Jesus Cristo, pois morro por sua santa fé.» Os sacrílegos assassinos, havendo cometido o crime detestável, ficaram tão aturdidos e horrorizados de seu próprio delito que não teriam podido fugir se não os houvessem favorecido uma tropa de cúmplices que a empurrões os lançaram da igreja e os puseram a salvo. Mas, buscados depois com diligência pela justiça eclesiástica e secular, foram presos e justiçados com todo o rigor que merecia seu horroroso delito.

Os cônegos que estavam no coro, comovidos pelo ruído que haviam feito os que fugiam, acudiram e encontraram o Santo, que, revolvido em seu sangue, cuidava mais de dar a Deus graças por haver-lhe concedido o favor de fazer-lhe sacrifício de sua vida que de sua vida mesma. Levaram-no à sua casa e, manifestando-lhe com lágrimas e grande dor o que lhes causava sua trágica e temprana morte, o Santo, cheio de tranquilidade, consolava-os a todos, persuadindo-os que não sentissem o fim de sua vida, que era inevitável, mas que chorassem o horroroso delito dos inimigos da fé e muito mais sua rebeldia e pertinácia. Dois dias permaneceu o santo Inquisidor em sua cama, umas vezes consolando os que o rodeavam e outras pedindo a Deus perdão para seus inimigos. Recebeu os santos Sacramentos com incrível fervor e devoção de sua alma e, anegado nos sentimentos da fé, esperança e caridade, morreu com a santidade que havia vivido no dia 17 de setembro do referido ano. Sua morte foi sentida da igreja de Saragoça com as expressões da dor mais intensa. Por espaço de três dias não se celebraram os divinos ofícios e se cobriram de negro os altares até que se purificou o templo da violação que havia padecido. Por espaço de um ano seguiram iguais demonstrações de dor, dizendo-se o ofício divino com um canto fúnebre, ao qual precedia o rezo do *Miserere* e algumas preces, postos os cônegos de joelhos e acompanhando a cruz, os ministros cobertos os rostos com véus negros, e reconciliada a igreja trasladou-se a ela o sagrado cadáver para dar-lhe honorífica sepultura. A esta sazão quis Deus manifestar a santidade de seu servo com um sucesso portentoso. O sangue que se havia estendido pelo pavimento da igreja ao cair ferido o Mártir de Jesus Cristo se havia secado de maneira que, esfregando-o com panos ou papel branco, de nenhuma maneira ficavam tintos do mais mínimo sinal; mas mal entrou o sagrado cadáver no templo, imediatamente apareceu todo o sangue líquido, fervendo e tão quente como se naquele instante houvesse sido vertido. Comoveu-se o numeroso povo à vista do milagre; o capítulo cuidou de autenticá-lo por meio de notários, e todos molharam lenços naquele precioso sangue, guardando-o por relíquia. A santidade de que havia tido fama toda a sua vida se fez mais gloriosa e provada com o martírio. Os reis católicos Fernando e Isabel lhe ergueram um suntuoso sepulcro de mármore, aonde se trasladou seu corpo. Aumentando-se depois por uma parte a adoração dos fiéis e por outra os milagres que Deus obrava em testemunho de sua santidade, foi beatificado por Alexandre VII no dia 17 de abril de 1664.

São Lamberto, Bispo e Mártir

São Landeberto, chamado nos últimos séculos Lamberto, foi natural de Maastricht e de uma família nobre e rica, que havia sido cristã em muitos de seus descendentes. Seu pai mandou que desde sua infância o instruíssem em sagrada doutrina e depois o encomendaram a São Teodardo para que aperfeiçoasse sua educação. Este santo Bispo havia sucedido a São Remaclo I no governo de

suas duas grandes abadias de Malmedy e Stavelot e depois na sede episcopal de Maastricht. Concebeu este tal estima a seu santo pupilo que não perdoou diligência em instruí-lo e educá-lo nas práticas mais perfeitas da virtude cristã. São Teodardo, no ano de 669, resolveu ir ao rei Childerico II, que residia em Austrásia, em solicitação de uma ordem deste Príncipe para a restituição das posses de sua igreja, que haviam sido usurpadas por algumas pessoas poderosas; mas foi assassinado no caminho pelos que as haviam usurpado e esquartejado membro por membro no bosque de Bienwald, perto de Nemete, chamada desde então Spira. É honrado como Mártir no dia 10 de setembro. São Lamberto foi eleito para sucedê-lo com consentimento do rei Childerico e o aplauso de toda a corte, onde o Santo era tido em grande reputação. Lamberto olhou o cargo episcopal como um peso demasiado grande para seus ombros, como o fizeram sempre os Santos, e tremendo sempre à vista de suas obrigações dedicou-se desde logo a desempenhá-las sem respeitos humanos, implorando luz e força do alto com orações humildes e contínuas. Childerico II reinou primeiro na Austrásia, sendo à sazão Vulfoaldo mordomo de seu palácio, enquanto Teodorico III sucedeu a seu irmão Clotário III na Nêustria e na Borgonha, em cujo tempo Ebroíno usurpou tiranicamente a dignidade de mordomo. A crueldade deste ministro fez tão detestável o reino deste Príncipe que seus vassalos o depuseram, vindo deste modo a ser rei de toda a França Childerico, porque Teodorico e Ebroíno se fizeram monges, o primeiro de São Dionísio, o segundo de Luxeuil; em cuja condição consentiram ambos para que lhes fossem perdoadas as vidas. O rei Childerico II, príncipe cruel e abandonado, foi deposto numa conspiração de seus nobres no ano de 673, o undécimo de seu reinado; e Teodorico, seu irmão, deixando o mosteiro de São Dionísio, foi voltado a reconhecer por rei da Nêustria e Dagoberto II, filho do rei Sigeberto, na Austrásia.

Esta resolução a sentiu Lamberto unicamente porque até ali havia sido muito favorecido de Childerico. O Santo foi lançado de sua sede e colocado nela um tal Paramundo. Retirou-se aquele ao mosteiro de Stavelot com dois só de seus domésticos; e no espaço de sete anos que ali esteve obedeceu à regra com a mesma exatidão que poderia o noviço mais escrupuloso. Um exemplo bastará para manifestar com que sacrifício tão perfeito consagrou seu coração ao serviço de Deus conforme à perfeição daquele estado. Havendo-se levantado uma noite de inverno a rezar suas devoções, sucedeu havê-lo caído a sandália, que era de pau, e fazer ruído. Ouviu-o o abade e, tendo-o como quebrantamento do silêncio que devia observar-se àquela hora na comunidade, mandou ao que houvesse sido causa daquele ruído que se pusesse de joelhos a orar ante a cruz: esta era uma que estava ao raso fora das portas da igreja. Lamberto, sem responder uma palavra nem descobrir quem era, deixou a vestimenta que ia pôr-se quando fez o ruído e, nos termos em que o pegou o mandato, descalço e sem mais coberta que a camisa, esteve ante a cruz orando de joelhos três ou quatro horas. Enquanto os monges se aqueciam, depois das Matinas, perguntou o abade se estavam todos ali: responderam-lhe que um a quem ele havia mandado ir orar ante a cruz era o que faltava. O abade mandou que o chamassem; e ficou surpreendido quando viu que era o santo Bispo, que se apresentou coberto de neve e quase gelado de frio. A este espetáculo, o abade e os monges lançaram-se ao chão e lhe pediram perdão. «Deus vos perdoe, disse ele, porque pensais que necessitais de perdão por esta ação. Quanto a mim, não devo eu domar minha carne, conforme o dito de São Paulo, com o frio e a nudez e servir a Deus?»

Ao mesmo tempo que Lamberto gozava da tranquilidade do retiro santo, lamentava ao ver o estrago que arruinava a maior parte das igrejas da França. Quando Teodorico subiu a segunda vez

ao trono, nomeou por mordomo de palácio Leudésio, filho de Erquinoaldo. Ebroíno, ao mesmo tempo, deixou o mosteiro de Luxeuil e quebrantou sacrilegamente o vínculo de seus votos. Já de antemão havia feito sentir os efeitos de seu poder e tirania a todo o reino de Teodorico, quando no ano de 677 foi mordomo de palácio daquele Príncipe e absoluto dono da Nêustria e Borgonha, e pouco depois também da Austrásia, quando, por morte de Dagoberto II, que havia sido assassinado numa conspiração de seus nobres por insídias de Ebroíno, foi reconhecido Teodorico rei de toda a monarquia francesa. Dagoberto II havia enchido seus domínios de religiosas fundações e depois de sua morte havia honrado com seu sepulcro a Stenay, onde foi venerado como Mártir. Ebroíno, que em vida deste Príncipe havia estendido suas violências a várias igrejas sujeitas a ele, especialmente a Maastricht, depois da morte deste Rei as oprimiu com maior furor e perseguiu sem contradição nosso santo Bispo. Foi, não obstante, surpreendido da vingança divina, porque três anos depois do martírio de Leodegário lhe tiraram a vida, no de 681. Um cavaleiro chamado Hermenfredo, de cujo Estado se havia aquele apoderado e a quem havia ameaçado com a morte, esteve espiando-o num domingo antes que fosse dia e, ao sair de sua casa às Matinas, matou-o de uma cutilada na cabeça. Nestes e outros exemplos como estes vemos, como nota Fleury, que naquele tempo os mais nobres e os mais ocupados em fatigosos empregos, e até aqueles mesmos que não tinham sentimento algum de religião, não se eximiam de assistir aos ofícios divinos até de noite.

Feito mordomo de palácio Pepino de Herstal, neto de Pepino de Landen por Santa Begga e Ansegisel, dedicou-se a reparar os danos que havia feito Ebroíno, expulsou de muitas sedes os intrusos bispos e, entre outros prelados desterrados, restituiu Lamberto a sua sede de Maastricht. O santo Pastor, desde o exercício das virtudes mais heroicas a que havia dedicado o tempo de seu desterro e retiro, voltou a seu rebanho animado de duplo fervor, desempenhando todas as demais funções com espírito, zelo e caridade. Vendo que ainda restavam alguns idólatras em Taxândria, província perto de Diest em Brabante, dedicou-se a convertê-los à fé, suavizou o bárbaro temperamento daqueles infiéis com sua paciência, regenerou-os com as sacras águas do Batismo e destruiu muitos templos de ídolos. Visitava-os frequentemente e conferenciava com São Willibrord, apóstolo da Frísia. Nos débeis reinados dos reis passados dominaram na França as desordens mais abandonadas, e não havia poderoso nem soberbo que não se considerasse superior às leis nem que deixasse de pôr-se à frente de alguma facção sediciosa. Do que a morte mesma de São Lamberto nos dá um exemplo muito convincente. Pepino, que residia em seu castelo de Herstal, perto de Liège, sobre o Mosa, viveu alguns anos num adultério escandaloso com uma concubina chamada Alpais, na qual teve Carlos Martel. Lamberto reprovou e repreendeu a ambos com tanto empenho que dizem alguns que vários amigos daquela dama tomaram daí ocasião para formar uma conspiração contra sua vida; mas outros dão por ocasião de sua morte a seguinte: haviam-se feito insuportáveis por suas usurpações e opressões da igreja de Maastricht dois irmãos cobiçosos, e as leis não haviam sido capazes de contê-los. Com isto chegaram a enfadar-se tanto alguns parentes de São Lamberto que mataram os dois irmãos. Dodão, parente dos dois jovens mortos, rico e poderoso oficial sob Pepino, e algo parente ou aparentado com Alpais, determinou vingar a morte no inocente e santo Bispo e o investiu com uma partida considerável de gente armada em Leodium, então lugar pequeno e agora a cidade de Liège. Havia-se retirado a dormir São Lamberto depois das Matinas quando Dodão acometeu a casa com toda a sua tropa. Não permitiu o Bispo que seus dois sobrinhos nem doméstico algum da casa tomasse

armas em sua defesa, dizendo: «Se me amais verdadeiramente, amai a Jesus Cristo e confessai comigo vossos pecados. Pelo que a mim toca, já é tempo de que vá viver com Ele.» Então, prostrando-se em terra, com as mãos estendidas em forma de cruz, orou derramando muitas lágrimas; e, entrando a tropa de seus inimigos em suas estâncias, foram passando a cutelo quantos encontravam, e um deles, arrojando um dardo ao Bispo, tirou-lhe infamemente a vida. Esta injusta morte, sofrida com tanta paciência e mansidão, junta com a santidade eminente da vida deste santo Bispo, foi tida como espécie de martírio. Sucedeu no 17 de setembro do ano de 709, havendo ocupado a cátedra episcopal São Lamberto quarenta desde que sucedeu a São Teodardo. Seu corpo foi conduzido num barco a Maastricht, onde foi enterrado na igreja de São Pedro. Vários milagres que a isto se seguiram excitaram o povo a erigir uma igreja no sítio em que esteve a casa em que o mataram. Seu sucessor, São Huberto, trasladou a ela suas relíquias no ano de 721 e, ao mesmo tempo, removeu também a Liège a sede episcopal, que havia sido antes trasladada a Maastricht desde Tongeren por São Servácio.

Missa (oração)

A missa é em honra de São Francisco, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Domine Jesu Christe, qui, frigescente mundo, ad inflammanda corda nostra tui amoris igne in carne beatissimi Francisci passionis tuæ sacra stigmata renovasti: concede propitius, ut ejus meritis et precibus crucem jugiter feramus, et dignos fructus pœnitentiæ faciamus. Qui vivis et regnas...*

Português: Senhor Jesus Cristo, que, desejando abrasar nossos corações com o fogo de vosso amor, quando o mundo estava resfriado nele, renovastes na carne do bem-aventurado Francisco as chagas de vossa paixão, concedei-nos propício, por seus merecimentos e por sua intercessão, a graça de que levemos incessantemente a cruz e façamos frutos dignos de penitência. Vós que viveis e reinais...

Epístola

A epístola é do capítulo 6 da que escreveu São Paulo aos Gálatas.

Gálatas 6,14-18

> **Latim:** 14 Mihi autem absit gloriari, nisi in cruce Domini nostri Jesu Christi : per quem mihi mundus crucifixus est, et ego mundo. 15 In Christo enim Jesu neque

> circumcisio aliquid valet, neque præputium, sed nova creatura. [16] Et quicumque hanc regulam secuti fuerint, pax super illos, et misericordia, et super Israël Dei. [17] De cetero, nemo mihi molestus sit : ego enim stigmata Domini Jesu in corpore meo porto. [18] Gratia Domini nostri Jesu Christi cum spiritu vestro, fratres. Amen.

Português: [14] Mas nunca Deos permitta que eu me glorie, senão na cruz de nosso Senhor Jesu Christo: por quem o mundo está crucificado para mim, e eu crucificado para o mundo. [15] Porque em Jesu Christo nem a circuncisão, nem a incircuncisão valem nada, mas o ser huma nova creatura. [16] E a todos os que seguirem esta regra, paz, e misericordia sobr'elles, e sobre o Israel de Deos. [17] Quanto ao mais ninguem me seja molesto: porque eu trago no meu corpo as marcas do Senhor Jesus. [18] A graça de nosso Senhor Jesu Christo, irmãos, assista no vosso espírito. Amen.

Reflexões

Eu levo em meu corpo os sinais do Senhor Jesus. Estes sinais são as gloriosas cicatrizes que o Salvador quis conservar em seu adorável corpo ainda depois de sua ressurreição, e que por toda a eternidade serão a admiração e o gozo dos bem-aventurados na glória. Há hoje muitos cristãos que possam dizer com o Apóstolo que estão marcados com este divino selo e que a cruz de Jesus Cristo é parte de seu caráter? Sem embargo, a mortificação é necessária para amar verdadeiramente a Jesus Cristo. Esta é a primeira lição que dá o mesmo Jesus Cristo aos que querem ser discípulos seus: sem ela não há que esperar sê-lo jamais. «O que quiser vir após mim, diz este amável Salvador, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me. O que não tomar sua cruz e não se aborrecer a si mesmo, não pode ser meu discípulo nem é digno de mim.» Por isso nenhum sinal mais seguro deram os Santos de uma sólida virtude que a mortificação. Quando havemos de ser nós do mesmo parecer e quando teremos as mesmas ideias! Há duas sortes de mortificações: uma exterior, que consiste na maceração do corpo; outra interior, que é propriamente a mortificação do coração e do espírito. Aquela doma a sensualidade, esta as paixões: ambas são necessárias para arribar à perfeição, e sem as duas apenas se pode conseguir a salvação. Os jejuns, as vigílias, os cilícios e outras mortificações semelhantes são poderosos meios para fazer-nos homens espirituais. É verdade que a virtude não consiste nas penitências exteriores e que estas não são incompatíveis com a hipocrisia. Não sucede o mesmo com a mortificação interior, que sempre é sinal certo de verdadeira virtude; por isso é mais necessária que a exterior, e ninguém pode escusar-se dela. Esta é aquela contínua violência que é necessário fazer-se para entrar no reino dos céus. Nem todos poderão jejuar nem usar de ralos e de cilícios; mas ninguém tem impedimento para mortificar seus desejos, seu natural e suas paixões. Vãmente nos lisonjearemos de que amamos a Jesus Cristo se não somos homens mortificados. É preciso resolver-se a uma generosa e constante mortificação, se se deseja domar e destruir este amor-próprio de que se alimentam todas as paixões: é necessário resolver-se a levar cada um sua cruz. «Na cruz está nossa saúde, nossa vida e nossa segurança, diz o autor da *Imitação de Cristo*: em vão se busca fora da cruz a salvação da alma e o caminho da glória.» Toma, pois, tua cruz, segue a Jesus e chegarás finalmente à vida eterna.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 3 de São João (o impresso diz «capítulo 11»).

João 3,1-15

> **Latim:** [1] Erat autem homo ex pharisæis, Nicodemus nomine, princeps Judæorum. [2] Hic venit ad Jesum nocte, et dixit ei : Rabbi, scimus quia a Deo venisti magister, nemo enim potest hæc signa facere, quæ tu facis, nisi fuerit Deus cum eo. [3] Respondit Jesus, et dixit ei : Amen, amen dico tibi, nisi quis renatus fuerit denuo, non potest videre regnum Dei. [4] Dicit ad eum Nicodemus : Quomodo potest homo nasci, cum sit senex ? numquid potest in ventrem matris suæ iterato introire et renasci ? [5] Respondit Jesus : Amen, amen dico tibi, nisi quis renatus fuerit ex aqua, et Spiritu Sancto, non potest introire in regnum Dei. [6] Quod natum est ex carne, caro est : et quod natum est ex spiritu, spiritus est. [7] Non mireris quia dixi tibi : oportet vos nasci denuo. [8] Spiritus ubi vult spirat, et vocem ejus audis, sed nescis unde veniat, aut quo vadat : sic est omnis qui natus est ex spiritu. [9] Respondit Nicodemus, et dixit ei : Quomodo possunt hæc fieri ? [10] Respondit Jesus, et dixit ei : Tu es magister in Israël, et hæc ignoras ? [11] Amen, amen dico tibi, quia quod scimus loquimur, et quod vidimus testamur, et testimonium nostrum non accipitis. [12] Si terrena dixi vobis, et non creditis : quomodo, si dixero vobis cælestia, credetis ? [13] Et nemo ascendit in cælum, nisi qui descendit de cælo, Filius hominis, qui est in cælo. [14] Et sicut Moyses exaltavit serpentem in deserto, ita exaltari oportet Filium hominis : [15] ut omnis qui credit in ipsum, non pereat, sed habeat vitam æternam.

Português: [1] E HAVIA hum homem d'entre os Fariseos, por nome Nicodemos, senhor entre os Judeos. [2] Este huma noite veio buscar a Jesus, e disse-lhe: Rabbi, sabemos que és Mestre, vindo da parte de Deos, porque ninguem pôde fazer estes milagres, que tu fazes, se Deos não estiver com elle. [3] Jesus respondeo, e lhe disse: Na verdade, na verdade te digo, que não póde ver o reino de Deos, senão aquelle que renascer de novo. [4] Nicodemos lhe disse: Como pôde hum homem nascer, sendo velho? por ventura pôde tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer outra vez? [5] Respondeo-lhe Jesus: Em verdade, em verdade te digo, que quem não renascer da agua, e do Espirito Santo, não póde entrar no reino de Deos. [6] O que he nascido da carne, he carne: e o que he nascido do espírito, he espírito. [7] Não te maravilhes de eu te dizer: Importa-vos nascer outra vez. [8] O espírito assopra onde quer: e tu ouves a sua voz, mas não sabes donde elle vem, nem para onde vai: assim he todo aquelle, que he nascido do espírito. [9] Perguntou Nicodemos, e disse-lhe: Como se pôde isto fazer? [10] Respondeo Jesus, e disse-lhe: Tu és mestre em Israel, e não sabes estas cousas? [11] Em verdade, em verdade te digo, que nós dizemos o que sabemos, e que damos testemunho do que vimos, e vós com tudo isso não recebeis o nosso testemunho. [12] Se quando eu vos tenho fallado nas cousas terrenas, ainda assim vós me não credes: como me crereis vós, se eu

vos fallar nas celestiaes? [13] Também ninguem subio ao ceo, senão aquelle, que desceo do ceo, a saber, o Filho do homem, que está no ceo. [14] E como Moysés no deserto levantou a serpente: assim importa que seja levantado o Filho do homem: [15] para que todo o que crê nelle, não pereça, mas tenha a vida eterna.

Meditação

Sobre a penitência necessária a todos

Primeiro ponto

Considera que o céu se conquista com violência. Renunciar a penitência e a mortificação é renunciar o céu. É mister renunciar o mundo e seus prazeres: é mister levar sua cruz, vencer as inclinações, resistir às paixões, domar o amor-próprio; é mister amar os inimigos, aborrecer-se e perseguir-se a si mesmo: este é o caminho direito que guia ao céu: ele está semeado de espinhos, mas não há outro, e é mister seguir este se queremos chegar lá. Qualquer outro caminho, qualquer outra senda desvia daquele termo. E é este o que nós seguimos? Não marchamos por um caminho inteiramente oposto? E neste caso, qual será nosso paradeiro? É indispensável necessariamente seguir este caminho real. Somos pecadores, preciso é fazer penitência: somos Cristãos, é preciso seguir Jesus Cristo: fomos criados para o céu, preciso é chegar lá custe o que custar. Não nos pareça que estas razões se fizeram para os demais e que não falam conosco. Mas, segundo se vive e se discorre hoje, parece que se reputam estas grandes verdades como verdades de antanho, que já não regem. Essa penitência indispensável a todos os pecadores é porventura nestes tempos a virtude das gentes do mundo? Essa penitência indispensável aos mesmos justos é porventura em nossos dias a virtude familiar a todos os Cristãos? Mas este caminho semeado de cruzes e de espinhos só é áspero aos que, tímidos e covardes, não se atrevem a entrar por ele; mas, uma vez que o empreendam com resolução, uma vez que comecem a caminhar com fervor, tudo se lhes aplaina: não só se lhes faz suave, mas gostoso. As flores de que ao parecer está semeado o caminho dos maus muitas vezes se convertem em espinhos; pois por que os espinhos de que parece semeado o caminho dos bons não se converterão também em flores muitas vezes? A virtude que se exercita, a graça de Deus que nos sustenta, a esperança tão bem fundada de chegar ao ditoso termo da carreira tiram à penitência todo o áspero, todo o duro, todo o amargo que tem. Ainda que nos pareça intratável este caminho, lembremo-nos de que os Santos andaram por ele com alegria, animando-os o exemplo de Jesus Cristo. Sigamo-los com valor e com fidelidade, e experimentaremos as mesmas doçuras, os mesmos consolos, a mesma facilidade.

Segundo ponto

Considera a necessidade que todos temos não só de amar a penitência, mas de fazer frutos dignos de penitência. Frequentemente recaímos nas mesmas faltas; em todas as confissões nos acusamos

sempre dos mesmos pecados, porque não nos aplicamos a descobrir a origem deles, a sondar nosso coração, a pôr em execução os meios eficazes para corrigir-nos. Acusamo-nos das distrações, das negligências ordinárias no serviço de Deus, das imperfeições acostumadas, e não pensamos em sufocar esse espírito de orgulho e de vaidade de que estamos possuídos: essas secretas aversões, essas emulações malignas, esse desordenado amor de nós mesmos, infeccionadas fontes de todos os nossos pecados. Cortamos os ramos, mas deixamos intacto o tronco, que logo rompe em novos rebentos. Queremos lograr o intento? Pois cortemos até as mais pequenas raízes. Recaímos com frequência nas mesmas faltas porque, antes de confessar-nos, paramos pouco a consideração na gravidade e nas consequências do pecado. Recaímos nelas porque nos falta a contrição necessária, a sincera e a eficaz resolução que deveríamos ter. Envergonhar-nos-íamos se faltássemos à palavra dada a um homem de consideração. Pede-nos Deus que tenhamos com sua Majestade este mesmo respeito: será isto pedir-nos demasiado? Pede-nos que nossa penitência, cuja indispensável necessidade temos tão conhecida, dê enfim alguns frutos, já que até aqui só deu folhas e flores; e que estes frutos cheguem a amadurecer, que sejam dignos de apresentar-lhe, que sejam enfim frutos dignos de penitência. Comecemos a fazê-los desde hoje mesmo até a morte. Destruamos em nós o reino do pecado; fujamos com presteza de todas as ocasiões de cometê-lo; exercitemo-nos continuamente nas boas obras que correspondem a nosso estado; satisfaçamos à justiça de Deus com perpétua penitência: tenhamos sempre um coração contrito e humilhado, com verdadeiro desejo de satisfazer à divina justiça, aceitando ao menos com amor e sem queixar-nos os trabalhos desta vida devidos a nossos pecados.

Esta é, Senhor, a graça que vos peço para fazer aquela penitência saudável de que não estão dispensados nem sequer os mesmos justos.

Jaculatórias

Confesso, Senhor, que pequei muitas vezes contra ti, sendo tu só testemunha de minhas maldades: sê-o também de minha amarga penitência. (Sl 50.)

Acuso-me, Senhor, e repreendo-me a mim mesmo de meus pecados, e desde este mesmo ponto vou fazer penitência deles, desfazendo-me como pavesa e cinza. (Jó 42.)

Propósitos

1. O exercício da mortificação interior é uma espécie de penitência de que ninguém tem razão nem direito para dispensar-se. Foi comum a todos os Santos e é muito conhecida de quantos verdadeiramente desejam ser perfeitos. Não é mister mais que atender bem ao espírito de Deus: é tão engenhoso o amor de Jesus Cristo que até às pessoas mais grosseiras inspira desde logo indústrias e meios para mortificar-se muito superiores ao engenho dos homens mais sábios; e neste gênero se podem ter por espécie de milagres. Tudo lhes serve de ocasião para vencer suas

inclinações; não há tempo nem lugar que não lhes pareça muito oportuno para mortificar-se, tudo sem transpassar as regras da prudência e do bom juízo. Por exemplo: basta-lhes ter uma grande vontade de ver ou de falar para baixar os olhos e para costurar a boca. A curiosidade de ouvir notícias, o desejo de saber o que se passa, o que se diz ou o que se faz; a vontade de ver uma pessoa, de contar uma novidade, de saber o fim de um negócio que interessa a muitos; numa palavra, toda ânsia é matéria de mortificação, tanto mais meritória quanto mais frequente e menos pública, pois só tem a Deus por testemunha. Imita este excelente exercício.

2. Não há matéria mais fecunda que a que todos temos para exercitar-nos na mortificação interior. Desçamos a casos particulares, que é a melhor instrução. Uma palavrinha dita a tempo, uma zombaria engenhosa, uma discrição, uma agudeza pode acreditar muito numa conversação, mas também pode ser matéria de um belo sacrifício. Mal há hora no dia que não nos ofereça motivo para alguma mortificação. Esteja alguém em pé ou esteja sentado, sempre poderá encontrar alguma postura incômoda sem que se conheça para fora. Acha-se em alguma ocupação muito séria: interrompem-no cem vezes; pois cem vezes se deixa interromper e levantar a mão com tanta mansidão e com tanta urbanidade como se em nada estivesse ocupado. O mau humor de um sujeito com quem se vive, os descuidos e as faltas de um criado, a ingratidão de uma pessoa a quem se serviu: tudo isto pode exercitar bem a paciência de um homem solidamente virtuoso. Enfim, as incomodidades do tempo, da estação e das pessoas, que se padecem sem dar a entender nada, são na verdade pequenas ocasiões de mortificar-se; mas a mortificação nestas pequenas ocasiões não é pequena, e bem se pode dizer que as maiores graças costumam ser frutos destas pequenas mortificações. Tampouco é pequena mortificação o não dispensar-se na mais mínima obrigação, costume ou ato de comunidade: o conformar-se em tudo com a vida comum e sem respeito a sua inclinação, a seus empregos nem a seus anos. Este é o manancial mais fecundo de graças extraordinárias e, por assim dizer, da mesma santidade.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:52:39 by Admin
Updated 20 November 2026 20:52:39 by Admin